

do serviço que se deve à vida criadora. Quem quiser estar de acôrdo com as poderosas forças da vida, não tem o direito de escapar-lhes, refugiando-se numa "ordem estabelecida". Tem de amar aquelas forças. Seu destino tem de se cumprir num estado de perpétua ameaça.

As grandes idéias são o produto da "exaltation générale de la vie". Na paixão íntima da "hora histórica", no ardor da luta, a alma é refundida passando a adquirir outra forma. Porisso também é que a luta se torna divina, "assim como é divino tudo o que na natureza, provém diretamente da capacidade criadora, tudo o que, no homem, resulta da espontaneidade do espírito ou da consciência e sucede fora da série".

Somente quando o homem enfrenta uma luta de vida ou morte é que a idéia o penetra completamente — a idéia que nasce daquela "lutte transformatrice" graças à qual se firma no coração do homem.

Sorel proclama a ação heróica, a luta, o perigo perpétuo, como as únicas coisas dignas do homem novo. O homem tem de viver isento de garantias, sempre prediposto e pronto a permitir que penetre em si a vontade do Criador e nele consiga a sua expressão. Sim, até mesmo a dôr o homem tem de acolher, pois é uma das mais primitivas manifestações da vida: "Na dôr, reside a unidade da existência, ao passo que o prazer tem mil formas. Na dôr, sentimos o vínculo que nos prende ao mundo real. O prazer foge às necessidades da existência terrestre e estabelece assim a oposição entre corpo e alma. Porisso, no prazer é que reside também o germe da morte. Porque o homem, no prazer, faz adormecer os guardiões de sua existência. O prazer arranca o homem ao solo paterno e desarraigá-o. Na inebriante música do prazer se ouve facilmente a melodia da morte."

Cumprir render preito à profundeza criadora, origem de tudo o que é verdadeiramente valioso. A Necessidade, com tôda a sua amargura e rudeza, tem de ser afirmada em nosso fôro íntimo e não combatida. Somente quem estiver de acôrdo com seu destino alcança um grau em que sua existência se torna incomparável, chegando à última elevação e à última perfeição de sua forma.

Essa fatalidade, essa necessidade, porém, que se manifestam nas violências do "devenir" histórico, apenas encontram a sua expressão fiel no mito. Este condensa, dando-lhes uma forma, as forças que, no presente vivo, agem de modo inexprimível e inexaurível. Assim, tudo o que é e se cria — Estado, sociedade, direito, idéia — recebe sua sanção em primeiro lugar do mito. A êle, pois, cabe o papel que a razão, há séculos, usurpou e se outorgou. Assim, "o homem verdadeiro, na sua forma acabada e não o homem como produto artificial de sua ordem-máquina" é que constitue o último grande escopo de tudo o que sucede na terra.

É pois uma concepção da história verdadeiramente nova a que reclama seu lugar com essa orientação para o mito. Desde a época de Rousseau, tôdas as inovações do Estado e da sociedade, em contradição com a vida, foram criadas conforme o modelo da idéia absoluta dum "melhor" e dum "mais razoável" possíveis. Pelo contrário, a ação, pelo fato de se basear no mito, tentou fazer concordar de novo a idéia com o mundo dos fenômenos vivos.

Não obstante, esse mito, que opõe a necessidade fatal às idéias racionais, não é em nada idêntico à teoria da experiência, que outrora Burke e, depois dêle, o conservantismo ulterior tomaram como ponto de partida. Esta nova concepção não pede suas leis ao mundo estável tal como se apresenta, nem à "sabedoria das coisas" como se bastasse auscultar as aspirações do passado, acumular experiências e graças a elas edificar um ideal. Longe disso, o mito pelo contrário, reconhece a vontade e o sentimento como forças que surgem do fundo primitivo e se debatem para alcançar uma nova forma. Ratifica os "saltos revolucionários", as instabilidades criadoras.

Essa concepção mítica, por outro lado, não deve ser confundida de modo algum com a concepção universal orgânica do romantismo. Tanto como os conservantistas, os românticos sonharam com o passado e tentaram voltar às formas vitais destruídas irrevogavelmente pelo ano de 1789. O que os entusiasmará era a forma orgânica, o acabado, o amadurecido. Pelo contrário, o mundo visto por um Sorel ainda não está acabado nem encerrado periféricamente. O que tem de determinar sua forma é a força interior do crescimento, a impulsão plasmadora inata que, dinamicamente, de dentro para fora, tende a tomar uma forma ainda desconhecida e, porisso mesmo, está entregue a um "devenir" perpétuo e nunca se imobiliza concretizando-se numa forma estática acabada.

\* \* \*

Guardamos sinais precusores e esboços duma próxima era mítica nessas notas marginais que, em meio da paz mais profunda, numa época em que imperam o positivismo, as ciências exatas, a democracia e os jornais, garatuja Sorel apressadamente nos livros que está lendo. Estes sinais precusores relampejam nos seus panfletos e brilham em cores ainda mais coruscantes nestes escritos compostos com uma superioridade criadora nos quais idea um futuro baseado na violência e no mito.

Hoje, depois daquele futuro se haver tornado presente; hoje que, da catástrofe, já começam a surgir novas provas, novos escopos, novas tarefas e novos problemas para nossa época, — quem olhar para trás, para aquela pequena casa de campo de Boulogne-sur-Seine e deparar com o "velho original" de barba branca ocupado em procu-